

DESPORTO COMO EXPRESSÃO DA RELAÇÃO ENTRE NATUREZA E CULTURA

Rui Proença Garcia
Universidade do Porto
rgarcia@fade.up.pt

Envio original: 18-05-2020. Aceitar: 19-05-2020. Publicado: 01-06-2020.

Resumo

É objetivo do autor mostrar que natureza e cultura não são conceitos antagónicos, sendo o ser humano a sua síntese. Para tal, parte do exemplo de uma corrida de um leopardo e de Usain Bolt, mostrando as suas semelhanças e distinções. Depois de abordar cada um desses conceitos, natureza e cultura, tenta mostrar que o desporto é um acrescento à natureza, em que o ser humano adiciona valores culturais ao seu património físico e biológico. Conclui, enunciando cinco acrescentos que distinguem uma corrida animal de um movimento desportivo.

Palavras-chave: Desporto - Natureza - Cultura - Valores.

El deporte como expresión de la relación entre naturaleza y cultura

Resumen

El objetivo del autor es mostrar que la naturaleza y la cultura no son conceptos antagónicos, siendo el ser humano su síntesis. Para esto, parte del ejemplo de una carrera de un leopardo y Usain Bolt, que muestra sus similitudes y distinciones. Después de abordar cada uno de estos conceptos, naturaleza y cultura, trata de mostrar que el deporte es una adición a la naturaleza, en la que los seres humanos agregan valores culturales a su patrimonio físico y biológico. Concluye afirmando cinco adiciones que distinguen una carrera animal de un movimiento deportivo.

Palabras clave: Deporte - Naturaleza - Cultura - Valores.

Sport as an expression of the relationship between nature and culture

Abstract

The author's objective is to show that nature and culture are not antagonistic concepts. The human person is its synthesis. For this, it starts from the example of a leopard and Usain Bolt race, showing their similarities and distinctions. After addressing each of these concepts, nature and culture, he tries to show that sport is an addition to nature, in which human beings add cultural values to their physical and biological heritage. He concludes by stating five additions that distinguish an animal race from a sports movement.

Keywords: Sport - Nature - Culture - Values.

Descrição de uma corrida

Um ser agachado, apto para iniciar uma corrida. Os tendões em tensão máxima prontos para transmitir a energia muscular para os membros. O corpo parece ser uma mola comprimida à espera de um sinal para libertar a sua energia. O olhar fixo, sem pestanejar, no objetivo próximo. A respiração dominada. O momento é crítico. Qualquer desconcentração pode ser fatal para o êxito da corrida.

A um determinado estímulo aquele corpo alonga-se e a corrida de velocidade começa. Tudo estará terminado, com ou sem êxito, passado breves segundos. Um pequeno erro, uma ligeira distração, um início de corrida antes ou muito depois do estímulo é sinónimo de fracasso. Não há uma segunda oportunidade. A corrida processa-se a uma velocidade vertiginosa. De forma harmoniosa o corpo percorre rapidamente o caminho para o êxito. O objetivo da corrida está cada vez mais próximo. Está mesmo ali, embora parecendo longe. As dores musculares surgem fruto da elevada concentração de produtos catabólicos, como o ácido láctico. Naqueles momentos nada mais do mundo parece ter qualquer importância. E, no último momento, o objetivo cumpre-se. Êxito total! O leopardo apanhou a gazela!

Repitamos a leitura da descrição.

[...] *Êxito total. Usain Bolt atingiu a meta!*

Por esta breve e imprecisa descrição podemos não saber a que corrida se refere o texto. Ambos resultam de complicados mecanismos de natureza física e biológica, podendo ou não ter uma dimensão para além desses mecanismos. A corrida do leopardo resulta unicamente das dimensões físicas e biológicas, enquanto a corrida de Usain Bolt, para além dessas, possui um sentido cultural, chegando mesmo a aproximar-se da esperança transcendental.

Mecanicamente parece ser o mesmo, mas a corrida atlética humana afasta-se irremediavelmente da corrida animal, que, não duvidamos, também tem um sentido, o da sobrevivência, e por tal inscrito no património instintivo de um ser.

Por vezes temos dificuldades em distinguir aquilo que é fruto de um traço biológico daquilo que é humano, demasiado humano como poderia asseverar Nietzsche. As corridas que poderão ser entrevistas na descrição anterior, tanto podem ser de uma animal na busca do seu alimento como de um atleta na busca da transcendência. Os gestos, ressaltando a postura corporal do animal e do ser humano, são os mesmos. Contudo, impõe-se questionar, distinguem-se?

Usain Bolt corre como um leopardo? O leopardo corre como Usain Bolt? Seguramente que não. O leopardo expressa a potência da natureza, enquanto Usain Bolt espelha um comportamento de

ordem cultural. Contudo, o corpo de Usain Bolt sujeita-se às mesmas leis dos leopardos aquando da corrida.

Natureza e cultura nem sempre são percebidos com total rigor. Nem sempre estão situados nos antípodas da percepção humana como muitas vezes se pode pensar e defender. A sua proximidade é de tal forma que podemos questionar se a nossa natureza, a humana, não é cultural. Pode significar que no ser humano há uma fusão da dimensão natural com a cultural, dotando o homem de uma dupla natureza: a “natural”, dada por processos físicos e biológicos, e a cultural, proporcionada por determinantes históricos, socioculturais e biográficos. Imaginar o ser humano afastado desta fusão, acentuando uma ou outra dimensão, é um risco que importa não correr. O homem não sendo apenas um ser biológico, também tem uma existência biológica, se bem que demarcada socioculturalmente.

Para uma ideia de natureza

É longa, muito longa a história da ideia de natureza.¹ Encontramos já nos Atomistas referências a esta ideia. Demócrito apresenta-a. Epicuro também. Na Idade Média [europeia], no Renascimento, na Idade Moderna até aos nossos dias, a ideia de natureza apaixonou muitos pensadores. Com efeito, não há monotonia na busca de um conceito de natureza, sendo esta diversa. Naturalmente, devido à ocidentalização do mundo, parece que a herança da antiguidade grega prevalece, mas outras de igual valor, como a dos hindus e dos budistas, deverão também de ser consideradas (Lenoble, 1990: 54). A relação destas duas religiões com a natureza é profunda.

O horizonte daquilo que habitualmente se considera natureza é de uma vastidão imensa. É todo o universo e em todo o seu tempo. Mas esta vastidão natural cruza-se com a ideia humana de natureza, de universo, que se concretiza no conceito de infinito e, para quem acredita, de Deus. Física (natureza) e Teologia (cultura) encontram-se na infinitude do universo. Georges-Henri Lemaître, padre católico, é considerado como o criador da teoria do Big-Bang, permitindo que se fale de uma Física Teológica. *A natureza é o trono exterior da magnificência divina*, como adiantou Buffon no longínquo ano de 1778.²

Não será a corrida do leopardo também a expressão dessa magnificência? É evidente que distinguimos o ato de correr da beleza que emerge dessa situação. Anatomicamente o leopardo ou a sua prima chita são espantosos. São capazes de atingir velocidades absurdas, contribuindo cada músculo, cada tendão, cada estrutura óssea e cada órgão para a finalidade devida. É o espetáculo da vida³ em todo o seu esplendor!

¹ Ver, por exemplo, Robert Lenoble (1990). **História da ideia de natureza**.

² In: Pedro Calafate (1994). **A ideia de natureza no século XVIII em Portugal**, p. 84.

³ A este respeito, consultar Richard Dawkins (2009). **O espectáculo da vida**. A prova da evolução.

Perante tal assombro da vida, podemos ter algumas atitudes ou crenças: considerar como sendo uma obra divina, logo de índole religiosa; situar-se no campo do belo absoluto, logo de natureza estética; ou resultar de uma impressionante organização da matéria, e por tal fruto de constantes evoluções e/ou adaptações no sentido de alcançar a perfeição, como apontava Charles Darwin no penúltimo parágrafo da sua *Evolução das espécies*.⁴

Em todas estas possibilidades – sem dúvida que haverá outras – somos conduzidos para uma ideia construída e projetada de natureza por parte do ser humano. A natureza pode ser entrevista como uma construção cultural. É por isso que existem tantas ideias de natureza. Natureza e ser humano, ou mais prosaicamente, natureza e cultura criam uma entidade porque a consciência sobre a natureza nasce do espírito criador do ser humano. Se a natureza é uma questão, talvez uma das maiores, deve-o exclusivamente à pessoa humana. Desta forma, embora admitindo a escassez argumentativa, a natureza é uma questão humana, de índole cultural.

Ficamos maravilhados com a corrida do leopardo porque esse movimento impressiona os nossos sentidos, tal como também nos podemos deslumbrar com um carro de Fórmula 1 atingir velocidades superiores a 300 km/h. A mecânica destes portentos da tecnologia contemporânea é impressionante. Porém, o carro não se desloca por vontade própria. É matéria, mas não é vida. Talvez por isso seja redutor comparar o corpo humano a uma máquina. Deslumbrante seria comparar o carro de Fórmula 1 a um ser vivo. Assim sendo, a *magna quaestio*, não será a antinomia natureza – cultura, mas vida – não vida.

Para uma ideia de cultura

A antropologia, nos seus múltiplos domínios, tem encontrado dezenas, até centenas de definições de cultura, todas elas com enorme interesse e corretíssimas no âmbito da sua formulação. Apresentá-las na sua totalidade é tarefa insana, pelo que neste breve ensaio vamos discutir aquela que nos parece mais operacional para o campo da atividade desportiva.

Apreciamos particularmente a posição de Alfred Kröeber sobre cultura. Para ele, *cultura é um acrescento à natureza*.⁵ Não vemos nesta definição o antagonismo ente natureza e cultura, mas uma elevação da natureza a um patamar que consideramos de ordem superior. Vai um pouco no mesmo sentido da ideia de *Paideia*, a elevação do ser humano pela cultura e pela educação.

Imaginemos um planeta qualquer, sem vida de espécie alguma. Um planeta no seu estado inicial, aquilo que a escola neokantiana designou de “puro dado”. Chega lá o homem! Durante umas horas

⁴ Charles Darwin (2005) **A origem das espécies**.

⁵ Alfred Kröeber (1993). **A natureza da cultura**.

permanece nesse corpo celeste. Depois regressa à Terra. Quando sai do novo Planeta ficam lá resíduos da passagem humana, nem que seja apenas lixo. Isso é um acrescento à “obra divina”, primordial. Não existia e foi acrescentado pelo ser humano. É cultura na concepção de Kröeber.⁶

Metaforicamente podemos ilustrar este pensamento com o relato da criação divina na tradição cristã. Até ao quinto dia Deus criou o universo e todas as coisas. Ao sexto dia criou o homem. Ao sétimo, como sabemos, descansou. Tudo aquilo que o ser humano colocou na Terra que vai para além da criação divina é cultura.

Para uma relação entre homem, natureza e cultura

É do senso comum a distinção nítida entre o natural (tido como o mundo físico, biológico) e a cultura. A interação entre estes dois mundos é ainda, para muitos, um conceito de difícil compreensão o que ocasiona perspetivas um pouco simplistas.

Motivado pela (quase) incapacidade conceptual de uma justa divisão entre palavras do nosso léxico comum, surgem dificuldades acrescidas na comunicação de ideias acerca da natureza e do homem. Para compreender essa dificuldade basta apresentar a expressão “estudos ambientais”. De imediato pensamos em estudos sobre a natureza que nos rodeia, sendo poucos os que alcançam a pluralidade de áreas abrangidas por esta expressão. A habitação, as condições de higiene, o tamanho, a área e as características dos edifícios onde vivemos, a acessibilidade às fontes dos bens, ideias e serviços entre um sem número de outros aspetos, são temas perseguidos por estes estudos denominados de ambientais. Também as tradições e os costumes das diversas comunidades são assunto abrangidos por estes estudos.

Natureza e homem são conceitos difíceis de compartimentar, tornando-se necessário clarificar alguns aspetos para que possa existir empatia comunicativa.

A simplicidade desta diferenciação entre a cultura e natureza causa diversos problemas onde o fundamentalismo ecológico encontrou bases para um discurso legitimador. Esse fundamentalismo perdura, pois baseia-se numa dicotomia que é artificial, uma vez que ele mesmo é produto da própria cultura. Por outro lado, as ações humanas realizadas no passado alteraram todo o conjunto do mundo, a tal ponto que se torna possível afirmar que o ambiente natural que habitamos é substancialmente uma criação humana. As alterações climáticas, que também são resultantes da intervenção humana num macrossistema, são disso exemplo.

⁶ Sem qualquer esforço de imaginação, podemos recordar a ida do homem à Lua em 1969. O que lá ficou, incluindo as pegadas dos astronautas, são acrescentos à natureza.

A cultura primitiva, bastante mais sábia do que aquilo que se poderá pensar, revela nos seus mitos a inter-relação entre a esfera do natural e do cultural. Os “antigos”, com um pensamento assente na mitologia, fundamentaram e legitimaram um verdadeiro discurso ecológico moderno, onde a ideia de natureza não aparece como polo oposto à cultura. Interação, condicionando-se mutuamente, como podemos constatar através de inúmeros rituais. Também a reprodução (leia-se casamento ou acasalamento) pode ser vista como um bom exemplo da interação de um instinto (componente biológico) e uma matriz sociocultural. Os campos económico, político, jurídico e religioso, bem como preconceitos raciais e outros, condicionam esse instinto, sujeitando-o a regras, cujos exemplos se repetem quase até ao infinito.

O homem não pode ser definido apenas como sendo um animal revestido de cultura. O homem, mesmo afastado das nossas sociedades, está para além do animal. Estão em planos distintos. O homem pode nascer sem cultura, mas parece ser dotado naturalmente de razão.

A questão da natureza humana é um vasto campo de reflexão e de interesses particulares. É também uma questão política. Por vezes é necessário não reconhecer humanidade em alguns povos para que melhor se submetam ao outro. O reconhecimento da condição humana pressupõe direitos (desde os materiais até aos divinos, como o direito à vida e à liberdade). É conveniente assim uma perceção enviesada de natureza/cultura para evitar a reivindicação desses mesmos direitos, que se denominam de naturais, nesses povos.

Toda esta discussão antropológica (por vezes de índole metafísica) serve para demonstrar que é insustentável conceber o homem natural como um ser sem cultura, uma vez que é possível mostrar que faz parte do nosso património biológico a capacidade para utilizar a cultura, quer como comunicação, quer como instrumento de pensamento.

Cultura e natureza no homem são duas faces da mesma moeda. Conceber uma sem a outra dimensão é insustentável, pelo que o discurso ecológico, mesmo no desporto, não pode reduzir-se ao mundo físico-biológico, mas inscrever-se também na cultura.

Talvez outra metáfora sirva para ilustrar este pensamento. Imaginemos uma sereia. Se virmos apenas a parte de cima, dizemos que estamos perante uma mulher. Se atentarmos apenas à porção inferior desse ser mitológico, afirmarmos que se trata de um peixe. Só a visão conjunta é que nos faz perceber que estamos face a uma sereia. De alguma forma, o leopardo e Usain Bolt são a nossa sereia.

Karl Popper, numa breve história da vida, relata a dependência da natureza para a origem do reino vegetal. Sem a atmosfera nada seria possível. O reino animal torna-se possível porque existem

plantas. Sem elas não haveria cadeia trófica. Sobre a criação do homem diz o autor⁷ que *nós criámo-nos a nós mesmos através da linguagem especificamente humana*.

Entendemos que o homem é mais que um mamífero, sendo que o grande pecado redutor foi afirmar que no fundo o homem não era mais que um mamífero.

Por seu turno, Norbert Elias⁸ reconhece que os seres humanos, embora *de ascendência animal, não são, simplesmente, animais tal como qualquer outro animal, e que o processo evolutivo contínuo produziu, sob a forma dos seres humanos, algo de novo e único*.

Einstein também faz notar que a existência humana se afasta da natureza. Num ensaio escrito em 1937⁹ afirma que a cultura faz com que os nossos atos atendam cada vez menos às meras necessidades imediatas dos nossos instintos. Estes põem o pensamento em ação e o pensamento provoca ações intermediárias, visando a satisfação, ou não, dos próprios instintos.

Ora, em todos há um traço comum que se constitui como um relativo afastamento do homem em relação à natureza, pelo menos àquela natureza idílica do romantismo. A sua criação, bem como a sua regulação através dos instintos, sofreu uma espécie de aculturação,¹⁰ ideia esta que pode ser corroborada por inúmeros exemplos (diversos rituais, especialmente os de puberdade, fornecem indícios para a fundamentação desta posição teórica).

A submissão do biológico à cultura acontece desde os povos mais primitivos, submissão essa que as tradições mítico-religiosas fazem eco. São por de mais conhecidas as narrações sobre o início dos tempos onde há uma intervenção de um ser através da palavra. É esta, a palavra, que dá existência às coisas e aos seres. Ora, a linguagem constitui-se como o verdadeiro impulsionador da existência humana, e a palavra é um facto cultural.

O próprio Norbert Elias¹¹ chega a afirmar que conceber um ser humano sem linguagem é o mesmo que dizer que seria um ser sem conhecimento e sem razão. É a linguagem que transforma algo em ser racional. Pelo menos é através da linguagem que se expressa de forma mais evidente a racionalidade. Se evidencia essa transformação, então esse novo ente não é o mesmo que o anterior. É outro. E foi a cultura que determinou a nova essência. Assim a natureza humana não é somente física, mas, acima de tudo, cultural. Merleau-Ponty,¹² na mesma linha de pensamento, considera que o homem não se diferencia do animal pela adição da razão ao corpo físico. O homem é muito mais do que essa simples operação quantitativa.

⁷ Karl Popper (1992). **Em busca de um mundo melhor**, p. 12

⁸ Norbert Elias (1994). **Teoria simbólica**, p. 33.

⁹ Albert Einstein. **Escritos da maturidade**.

¹⁰ Este conceito é aqui empregue sem o devido rigor antropológico.

¹¹ Norbert Elias. Op. Cit.

¹² Maurice Merleau-Ponty (1995). **La nature**.

Também aqui será justo voltar a recordar o sociólogo Norbert Elias quando afirma que as grandes mudanças nas sociedades animais têm uma fundamentação biológica, nos genes, enquanto nas sociedades humanas uma grande mudança social pode ocorrer sem qualquer mudança biológica. O homem medieval é o mesmo que o do renascimento e, sem dúvida alguma, o renascimento produziu uma nova organização social. O homem de agora vive numa sociedade totalmente diferente de então. No entanto não são visíveis diferenças biológicas, mas apenas culturais.

Contudo inúmeras vezes fundamentamos os nossos pensamentos em princípios organizadores de outros tempos, de outras sociedades. O fundamentalismo ecológico remete-nos para o tempo de antes do próprio homem.

Desta forma, a ideia ecológica da reaproximação do homem com a natureza é uma ideia ingênua. Ingênua porque o homem desde sempre se preocupou em se afastar dela, enquanto algo exterior a si próprio. Podemos ir ainda mais longe afirmando que o lento processo de hominização foi, exatamente, o afastamento em relação ao ambiente dito natural. A educação e o treino desportivo não são mais do que tentativas para acelerar a nossa natureza. A Fisiologia do Exercício mostra-nos isso, sendo o Treinamento Desportivo um manual para o conseguir.

Temos dados concretos, recolhidos na imensidão da floresta amazónica,¹³ que corroboram este modo de pensar. O nascimento e a morte, momentos que balizam a nossa existência biológica, estão sujeitos a rituais complexos para dar ou retirar ser a um corpo. A puberdade, isto é, o momento em que os jovens e as jovens ficam aptos a procriar, só é assumida após um ritual. O corpo biológico não é livre de seguir o seu decurso natural, por vezes desviado, mas há uma séria e constante tentativa para a sua domesticação. A natureza é selvática, indómita e perigosa, pelo que se torna imperioso submetê-la à “vontade” do homem, isto é, à cultura.

Acerca desta temática não tenhamos ilusões, pensando que basta proclamar o regresso do homem à natureza (que, cremos, não seria um regresso, mas um ingresso) que ele irá acontecer. A natureza oposta à cultura não é por si só a nossa natureza. A cultura também o é. Assim para uma visão ecológica é fundamental que percebamos qual é a nossa cultura. Neste ponto de vista as “práticas alternativas” no movimento humano são um campo deveras importante para nós que investigamos o desporto. As ciências socioantropológicas do desporto têm assim um campo de investigação infundável, legítimo e autónomo.

Assim, conscientes que uma visão antagónica entre cultura e natureza não é sustentável, poderemos entrever a direção do discurso ecológico no desporto. Também aqui confrontar uma e outra realidade se torna conceptualmente impossível.

¹³ Durante vários anos o autor deste texto percorreu parte da imensidão amazónica, tentando descortinar elementos decisivos para a compreensão do desporto.

Para uma concepção de natureza e cultura no desporto

Para concluir este breve e impreciso ensaio sobre natureza e cultura na ótica do desporto, impõe-se, então, mostrar os acrescentos que tornam distintas as corridas do leopardo e, metaforicamente, de Usain Bolt.

Pelo exposto a partir da teoria de cultura proposta por Kröeber, a corrida de Usain Bolt tem de ter algo que a corrida do leopardo não possui. O gesto aparentemente é similar, os sistemas de produção de energia também, mas há diferenças que importam acentuar.

i) O primeiro acrescento é o sentido cultural do ato de correr

Não duvidamos que o felino possui um património físico-biológico muito mais desenvolvido para o ato de correr que o humano. É mais eficiente, pelo menos em determinadas condições, em suma, é melhor. Porém, o ser humano não se limita a correr de acordo com as suas características orgânicas. Acrescenta-lhe algo, algo superorgânico.¹⁴ À corrida acrescenta um valor para lá do instinto. Acrescenta-lhe um sentido cultural. No humano, correr em si mesmo pode não significar cultura. Pode ser uma corrida instintiva, como a de fugir de um qualquer animal feroz.

O desporto é uma construção cultural com 2.800 anos.¹⁵ Não é uma corrida qualquer, mesmo que resultante de matrizes culturais. Tem de possuir no seu seio valores primordiais do desporto. São esses valores que tornam uma “simples” corrida num ato desportivo.¹⁶

ii) O segundo acrescento é o treino

Embora não sejamos especialistas em comportamento animal, não nos custa aceitar que este ser não treina para ser mais eficaz nas suas caçadas. A eficácia da caçada vai sendo aumentada à medida que vai caçando. O animal não dissocia o ato de caçar da própria atividade em si, enquanto o ser humano o faz amiúde no desporto. Ninguém consegue imaginar que Usain Bolt só corra nas competições. Aqueles frenéticos 10 segundos de corrida são consequência de milhares de horas de treino, onde cada pormenor da corrida é potenciado até ao limite.

iii) O terceiro acrescento é a fruição

Quanto mais isolada for a caçada do leopardo, mais hipótese tem de comer a presa. Se estiverem leões por perto é quase certo que a vai perder. Usain Bolt corre para uma plateia de milhões

¹⁴ Devemos este conceito a Kröeber. Op. Cit.

¹⁵ Este tempo tem a ver com a data dos primeiros Jogos Olímpicos que estão devidamente documentados, 776 a.C.

¹⁶ A este respeito, consultar o nosso livro (2007) **Antropologia do Esporte**.

de espectadores. Aquela corrida só faz sentido se for visualizada por uma multidão. Caso contrário, não terá razão de existir.

iv) O quarto acrescento é a recompensação simbólica

Para o leopardo, a recompensa – se é que assim se pode falar – é o animal caçado. Extingue-se aí qualquer recompensação. É essa a sua vitória. No desporto, para além do êxito imediato, há depois premiações simbólicas, seja uma medalha, um contrato publicitário ou qualquer outro, ver o seu nome gravado na parede do estádio ou na “parede da fama”, figurar na lista dos vencedores etc.

Tal como o leopardo que demora 10 segundo a apanhar a gazela, Usain Bolt nesse lapso de tempo tornou-se campeão olímpico, mas as repercussões desse êxito estendem-se por muito tempo, podendo adentrar mesmo no campo da transcendência.

v) O quinto acrescento é a ética

A competição desportiva, se bem que com algumas semelhanças com a competição da vida animal, afasta-se irremediavelmente desta por via deste último acrescento, a ética. Com efeito, no desporto para se ganhar não vale tudo. Há o *fazer ético*, ou seja, existe uma prática configurada por regras que não podem ser desrespeitadas sob pena do êxito desportivo se tornar numa derrota. O leopardo não tem de se sujeitar a qualquer tipo de prática moral para atingir o seu objetivo, que, caso consiga, resulta na morte da gazela. O desporto, para o ser, tem de acrescentar uma dimensão de ordem superior às atividades motoras, distinguindo o homem dos demais animais, mesmo que estejamos perante uma vulgar corrida.

Referências

- CALAFATE, P. (1994). **A ideia de natureza no século XVIII em Portugal**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 84.
- DARWIN, C. (2005). **A origem das espécies**. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- DAWKINS, R. (2009). **O espectáculo da vida**. A prova da evolução. Alfragide: Casa das Letras.
- EINSTEIN, A. (2005). **Escritos da maturidade**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- ELIAS, N. (1994). **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora.
- GARCIA, R. (2007). **Antropologia do Esporte**. Rio de Janeiro: Shape Editora.
- KRÖEBER, A (1993). **A natureza da cultura**. Lisboa: Edições 70.
- LENOBLE, R. (1990). **História da ideia de natureza**. Lisboa: Edições 70.
- MERLEAU-PONTY, M. (1995). **La nature**. Paris: Éditions du Seuil.
- POPPER, K. (1992). **Em busca de um mundo melhor**. Lisboa: Editora Fragmentos.